

# **A Alegoria como Princípio Hermenêutico: o audacioso método de interpretação da Escola de Alexandria**

Gerson Francisco Arruda Júnior \*

Recebido em abril de 2025. Aprovado em maio de 2025.

**Resumo:** O tema central do presente texto é a alegoria como um princípio hermenêutico. Especificamente, o seu objetivo é caracterizar o método de interpretação alegórica tal como ele foi defendido e empregado pela famosa Escola de Alexandria na interpretação dos textos bíblicos. Para tanto, consideraremos, inicialmente, a gênese desse método, as suas raízes histórico-filosóficas e os seus principais representantes. O artigo encerra-se com algumas implicações filosóficas da caracterização apresentada.

**Palavras-chave:** hermenêutica; interpretação alegórica; Escola de Alexandria; interpretação bíblica.

**Abstract:** This article examines allegory as a fundamental hermeneutic principle, with an emphasis on characterizing the allegorical interpretation method as adopted and defended by the renowned School of Alexandria in biblical exegesis. To this end, the study first investigates the genesis of this method, its historical and philosophical roots, and its main exponents. The analysis culminates in a discussion of the philosophical implications arising from the allegorical approach outlined herein.

**Keywords:** hermeneutics; allegorical interpretation; School of Alexandria; biblical interpretation.

\* Professor de História da Filosofia Antiga e Medieval na Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e, atualmente, coordena o Curso de Licenciatura em Filosofia. E-mail: [gerson.junior@ueap.edu.br](mailto:gerson.junior@ueap.edu.br) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4985-5005> .

## Introdução

Por desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da história do cristianismo, o período denominado Patrístico é fundamental para a compreensão de todo o pensamento ocidental. De modo mais específico, pode-se dizer que esse período é fortemente marcado pela estruturação filosófico-teológica da religião cristã, cujos fundamentos decorreram dos esforços intelectuais dos chamados “Pais da Igreja”.

Quando consideramos os âmbitos teológico e filosófico, a Patrística não só se caracteriza pelas controvérsias entre os postulados da fé cristã e o corolário do pensamento grego – protagonizadas, sobretudo, por aqueles que possuíam um corajoso espírito apologético –, como também se destaca pelos princípios hermenêuticos que nesse período foram apresentados e defendidos, sobretudo no processo de interpretação das Escrituras Sagradas Cristãs.

Embora predominantemente restritos aos estudos bíblico-teológicos, os princípios hermenêuticos vigentes na Patrística estavam delimitados a dois grandes centros de estudo que se contrapunham com suas particularidades. Por um lado, existia a famosa Escola de Alexandria, cujo eixo hermenêutico se assentava no método alegórico; por outro lado, encontramos a Escola de Antioquia que, em radical oposição aos alexandrinos, defendia um método literal de interpretação.

Diante disso, e para delimitar nosso escopo, o presente artigo tem como objetivo principal fazer uma caracterização do método de interpretação defendido e empregado pela Escola de Alexandria na interpretação dos textos bíblicos. Pretende-se, assim, considerar a gênese desse método, as suas raízes histórico-filosóficas, e, também, destacar os seus principais representantes. Em seu desfecho, o artigo apresenta algumas ponderações filosóficas gerais sobre o método alegórico de interpretação.

### Alexandria: uma cidade sonhada

A destacada cidade de Alexandria tem uma história no mínimo interessante. Desde a sua fundação, ela sempre se caracterizou por ser um ambiente de profícua produção intelectual. Após a decadência da influência exercida pela filosofia grega, causada basicamente pela queda do sentido filosófico-moral que qualificava o conceito grego de *polis*, na qual a magnífica pretensão da existência de uma única *Cidade-Estado* foi rejeitada e sepultada como utopia, a cultura helênica padeceu, fatalmente, uma perda de profundidade e pureza na sua forma de pensar.

Nesse contexto, e através das grandes expedições e conquistas realizadas por

Alexandre Magno, o mais famoso dos imperadores gregos, importantes diálogos e interações foram estabelecidas entre a cultura grega e as culturas dos povos conquistados por ele. Nesses diálogos, em especial aqueles que foram realizados com o modo de pensar e agir oriental, houve a assimilação, mudança e criação de diversos elementos culturais, os quais possibilitaram o surgimento de novos centros intelectuais que ultrapassaram os limites geográficos da Grécia. Um desses novos centros, e talvez o principal deles, igualmente ao de Pérgamo, de Rodes e de Roma, se encontrava na estratégica cidade de Alexandria.

Até onde se sabe, a cidade de Alexandria foi a concretização de um sonho do Imperador Alexandre Magno que, desde 332 a.C., teve o majestoso desejo de construir uma cidade, que levasse seu nome, e que fosse tomada como referência e exercesse forte influência cultural, política e social. Geograficamente, o perímetro territorial escolhido para comportar essa cidade foi as regiões egípcias, junto à foz do rio Nilo. Dentre os motivos que justificam essa escolha, dois merecem destaque: (1) porque a terra dessa região era muito fértil; (2) porque a localização geográfica era muito promissora e permitia oportunas relações comerciais por meio das rotas de navegações. Isso fez com que, desde cedo, a população da tão sonhada cidade crescesse rapidamente, e vários povos e etnias, especialmente judeus, agregassem naquela região e se submetessem a essa nova dinâmica e estrutura social.

Por não deixar sucessor no trono imperial, com a morte de Alexandre o Império Grego foi dividido entre os seus quatro generais: Cassandro, Lisímaco, Selêuco e Ptolomeu. Cassandro, tornou-se rei da Grécia; Lisímaco, da Trácia (Armênia); Selêuco, da Síria e regiões adjacentes; e, por fim, Ptolomeu Lago governou o Egito e as adjacências<sup>1</sup>.

Sendo fiel aos propósitos do grande Imperador, Ptolomeu Lago, inicialmente, e depois os seus sucessores, os conhecidos “ptolomeus”, assumiram a postura de continuar e manter a dinâmica e a estrutura socioculturais estabelecidas por Alexandre na cidade de Alexandria. O resultado disso foi a instauração de um ambiente cultural riquíssimo, o qual atraiu vários intelectuais, especialmente, os gregos. Muitas pessoas de todas as partes do mundo iam à Alexandria fazer os seus estudos, ou mesmo aperfeiçoá-los. Do ponto de vista histórico-filosófico, esse fato tem uma importância singular, pois o “centro” do pensamento humano, que antes tinha a cidade de Atenas como sua sede, foi, paulatinamente, transferido para a cidade de Alexandria, tornando-a um local promissor e de grandes avanços, e transformando-a na capital intelectual do mundo helênico (cf. Lévêque, 1979, p.

---

1 Para maiores informações sobre o governo de Alexandre Magno e a divisão do seu império após a sua morte, cf. Ironside, 1988, p. 6-35.

39).

Quanto a isso, convém destacar que Ptolomeu I Sóter, um dos primeiros sucessores do general Ptolomeu Lago, instigado por Demétrio, que era um membro de uma das escolas peripatéticas de herança aristotélica e refugiado em Alexandria por questões políticas na Grécia, teve a intenção

(...) de reunir em uma grande instituição todos os livros e todos os instrumentos científicos necessários às pesquisas, de modo a fornecer aos estudiosos material que não pudessem encontrar em nenhum outro lugar, induzindo-os assim a irem para Alexandria (Reale; Antiseri, 1990, p. 284; cf. Canfora, 1996, p. 21).

Como fruto desse ideal, surgiram o Museu e a Biblioteca em Alexandria.

O Museu, dedicado às Musas, deusas protetoras das atividades intelectuais, oferecia um favorável instrumental para as pesquisas filológicas, matemáticas, mecânicas, astronômicas, médicas e geográficas (cf. Bevilacqua, 2019, p. 61–62). Anexa ao Museu, a Biblioteca, por sua vez, dispunha de significativa parte da produção literária de antigas civilizações. Sob a dinastia de Ptolomeu II, a Biblioteca de Alexandria já havia reunido cerca de setecentos mil livros, chegando a ter o maior acervo literário do Mundo Antigo (cf. Reale; Antiseri, 1990, p. 285–300).

Com todos esses empreendimentos e recursos, a tão sonhada cidade de Alexandria progredia aceleradamente, a tal ponto de tornar-se um referencial intelectual para o mundo. Por volta da metade do II século da Nossa Era, Alexandria contava com um gigantesco empório industrial, comercial e cultural, que era desfrutado pelos seus quinhentos mil habitantes, aproximadamente. Além disso, várias instituições de ensino superior se organizaram ali, cultivando com “raro brilho a filologia e as ciências da natureza” (cf. Gilson; Boehner, 1991, p. 32).

### **A fundação da Escola de Alexandria**

É exatamente nesse ambiente intelectual e cultural vivido na cidade de Alexandria que surge a famosa *Escola de Alexandria*. Para Gilson e Boehner (1991, p. 32), ela foi “o primeiro instituto cristão de ensino superior”. Não se sabe, por falta de documentação histórica, quando, de fato, as doutrinas da religião foram pregadas em Alexandria. Contudo, segundo alguns estudiosos, dentre eles Augustus Lopes (2004, p. 130), já na segunda metade do II século, havia, nessa cidade, um catequista cristão chamado Barnabé que, além das perspectivas gnósticas que possuía, interpretava o Antigo Testamento alegoricamente.

Apesar do grande número de habitantes judeus, quando as doutrinas cristãs foram disseminadas em Alexandria, muitas pessoas se converteram ao

cristianismo, formando, assim, uma forte e florescente comunidade cristã, que era catequizada por Barnabé. Um desses convertidos foi o filósofo estoico Panteno<sup>2</sup>, a quem é atribuída a fundação da Escola de Alexandria. Contudo, Roy Zuck (1994, p. 41), alicerçado na ausência de comprovação histórica, apenas defende a ideia de que Panteno “é o mais antigo mestre da Escola catequética de Alexandria, no Egito, de que se tem notícia”. Quanto a isso, Eusébio, grande historiador cristão e escritor da famosa *História Eclesiástica*, um dos mais importantes documentos históricos cristãos, acredita que Panteno não foi o fundador da Escola de Alexandria, e sim seu primeiro diretor conhecido, assumindo esse cargo por volta do ano 180 d.C. (cf. Eusébio *apud* Gilson; Boehner, 1991, p. 33). Independentemente disso, se como fundador, diretor ou mesmo como mestre, a verdade é que Panteno recebe a reconhecida honra de ser o primeiro grande representante da Escola de Alexandria.

Entretanto, com a chegada do cristianismo em Alexandria, a tensão intelectual entre os postulados da religião cristã e os pressupostos da filosofia grega vigentes se tornou ainda mais acirrada, necessitando, urgentemente, de um método de interpretação que satisfizesse e respondesse as novas indagações religiosas trazidas pela fé cristã. E, igualmente como fez o judaísmo na época de Fílon, o cristianismo alexandrino, desde seu início nessa região, também adotou o método alegórico como meio de harmonizar a fé cristã e a filosofia grega. Essa decisão não é de se admirar, uma vez que, historicamente, o pensamento alexandrino estava fortemente influenciado por pensadores alegóricos.

### **O Método alegórico de interpretação e suas raízes históricas**

O termo “alegoria” deriva-se das palavras gregas *állos* e *agoreúō*, que etimológica, literal e conjuntamente significam “outro falar”. Hermeneuticamente, o que se quer denotar com isso é a ideia de que, em qualquer discurso, o que se está falando quer dizer outra coisa completamente diferente do significado natural das palavras ditas. Desse ponto de vista, alegorizar é tencionar dizer ou transmitir um sentido diferente, mais profundo, do que aquele que é transmitido pelo significado comum das palavras empregadas num contexto concreto de conversação.

Como um método de interpretação, historicamente a alegoria foi desenvolvida pelos gregos. Nesse contexto, o objetivo era usar o método para tentar reduzir a

---

2 Devido ao escasso material preservado, pouco se sabe sobre a vida e o pensamento de Panteno. Ele era da Sicília e se tornara filósofo estoico. Após a sua conversão foi missionário cristão no Oriente, indo até a Índia. Ao retornar para o Egito, assumiu a direção da Escola de Alexandria. Não deixou nada escrito e morreu, provavelmente, no final do século II. Maiores informações, cf. Lopes, 2014, p. 131; Reale; Antiseri, 1990, p. 411; Gilson; Boehner, 1991, p. 33.

conflituosa tensão existente entre, por um lado, a crença por detrás dos discursos mitológicos gregos, e, por outro, os postulados racionais herdados do discurso filosófico<sup>3</sup>. Nas descrições mitológicas gregas, nomeadamente as que são encontradas nos escritos poéticos de Homero e Hesíodo, havia muitas e recorrentes ações divinas que são imorais, perversas e obscenas. E, na tentativa de amenizar a confusão que esses registros poderiam causar na mente de muitos devotos e religiosos, alguns pensadores gregos interpretaram essas histórias míticas de modo alegórico, isto é, atribuíram outro significado ao significado das palavras usadas na descrição dessas ações. Platão, por exemplo, em algumas passagens dos seus diálogos filosóficos, usa a alegoria em confrontação com a posição inframoral dos deuses registrada nos escritos de Homero, afirmando que as verdades ali descritas jazem num nível mais profundo de interpretação, a saber, o alegórico<sup>4</sup>.

### **As raízes históricas do método hermenêutico da Escola de Alexandria**

Considerando o contexto da Escola de Alexandria, é possível constatar que, num certo sentido, muitas são as raízes históricas do método alegórico. Especificamente no que diz respeito à afirmação do método na Escola de Alexandria, duas são as principais raízes: Heráclito de Éfeso e Fílon de Alexandria. Em tese, Heráclito se constitui uma raiz histórica por defender a ideia de um sentido mais profundo alcançado pela *hypónoia*; e Fílon, com a interpretação alegórica do Antigo Testamento.

Como se sabe, Heráclito de Éfeso foi um dos mais importantes pensadores gregos. Ele afirmava ser o fogo a causa primeira de todas as coisas e do dinamismo universal do eterno devir. Contudo, é a partir da sua doutrina sobre o *lógos* que Heráclito elabora o sentido de *hypónoia*, o qual se constituirá um dos pilares da herança filosófica para o método alegórico. Para ele, conforme nos informa Abbagnano (1999, p. 34), o *lógos*, que constitui a essência mais profunda dos seres humanos, põe constantemente diante do homem a possibilidade de duas ações, ou melhor, de duas atitudes: *vigiar* ou *dormir*.

Para esse grande filósofo, o sono, *dormir*, denota uma postura de isolamento do homem em si mesmo, isto é, o seu fechamento em si. Já o *vigiar*, por sua vez, denota a atitude do homem estar acordado e abrir-se, mediante a pesquisa, à sua autêntica relação com o mundo objetivo. Essa pesquisa vigilante não se detém nas

---

3 Quanto à origem do uso da alegoria como solução para minimizar a tensão entre o mito e a filosofia, cf. Naddaf, 2007, p. 41-86.

4 Sobre o uso platônico da alegoria na interpretação dos mitos, cf. Oliveira, 2017.

aparências, mas avança até alcançar o seu sentido real.

Em se tratando dos textos escritos, isso também se evidencia. Diante das letras dos textos, temos as aparências, a superfície. Somente com a *hypónoia*, ou seja, a busca pelo que está atrás das letras, é que desvendamos o sentido real, o sentido mais profundo do que está expresso pelas palavras. Essa postura foi aplicada pelo próprio Heráclito, principalmente na leitura das obras de Homero, para fugir das implicações óbvias causadas pelas supostas imoralidades dos deuses ali registradas (cf. Lopes, 2004, p. 130). Assim, essas atitudes dos deuses deveriam, para ele, ser entendidas como tendo um sentido mais profundo, além do sentido simples e natural das palavras, que é somente alcançado pela *hypónoia*. É baseado nisso que os intérpretes alexandrinos têm Heráclito como fonte histórica para validarem suas alegorias<sup>5</sup>.

Fílon de Alexandria, por sua vez, é a mais próxima e mais importante fonte de herança histórica para o uso da alegoria entre os alexandrinos. O pensamento filoniano foi fortemente influenciado pela filosofia platônica, em especial o dualismo. Ele, que era um judeu praticante e contemporâneo de importantes rabinos como Hillel e Gamaliel, foi um profundo conhecedor da *Septuaginta*<sup>6</sup> e das tradições judaicas. Nesse contexto, ele presenciou a acirrada disputa entre os dois mais destacados grupos de intérpretes judeus da diáspora: os chamados “Alegoristas Extremos”, que, influenciados pelas interpretações rabínicas e *Midrástica*<sup>7</sup>, abusavam nas alegorizações dos Textos Sagrados do Judaísmo, e os chamados “Literalistas”, os quais, de modo radical, compreendiam as passagens bíblicas de maneira literal.

Diante desse contexto, Fílon dedicou considerável esforço para combater esses

5 Sobre o conceito de *hypónoia* e a sua forte influência na constituição do método alegórico, cf. Tate, 1927, p. 214-215.

6 A *Septuaginta* foi a tradução da Bíblia hebraica para o idioma grego, realizada na cidade de Alexandria, por 72 rabinos, por volta do III século a.C. Maiores informações, cf. Geisler, 1997, p. 196-197; Champlin, 2000, p. 5272; Packer; Tenney; White Júnior, 1988, p. 10; Dana, 1990, p. 42-44).

7 A Interpretação *Midrástica* era bastante utilizada entre os judeus que voltaram do cativeiro na Babilônia. Nos aproximadamente 300 anos em que esteve em vigor (100 a.C. – 200 d.C.), ela sempre manteve os seus diversos pontos hermenêuticos num processo de desenvolvimento, os quais tiveram seus ápices no I século da Era Cristã. Esse tipo de interpretação é fruto do conhecido letrismo judaico, oriundo da mística existente na religião dos judeus, após o cativeiro babilônico. Um dos principais representantes e defensores desses princípios é o famoso rabino Akiba que, devido ao seu veemente e impetuoso envolvimento com a interpretação da Torá, forneceu uma enorme contribuição para a formação e estruturação do letrismo judaico. Além dele, outro destacado representante da interpretação *Midrástica* é o rabino Hillel, cujo maior destaque foi a elaboração de uma das três listas de regras básicas da interpretação rabínica. Baseado nisso, percebemos, claramente, que a Interpretação *Midrástica*, sempre preservou a mística e o ocultismo advindos do letrismo judaico.

dois grandes extremos interpretativos dos Textos Sagrados do Judaísmo no I século. Para isso, ele assumiu como ponto de partida o emprego do método alegórico, tal como ele foi empregado no contexto grego (Virkler, 1995, p. 39). Com um pano de fundo eminentemente platônico, sobretudo o dualismo entre corpo e alma, Fílon reconhecia dois níveis de sentidos na interpretação dos Textos Sagrados. Ligado ao corpo, que é inerentemente mau, está o sentido literal, que nada mais é do que um símbolo do verdadeiro sentido. Além disso, há também um sentido especial, mais profundo, que é encontrado por detrás das letras e pelo qual o verdadeiro significado dos textos era expresso. Escusado será ressaltar que esse sentido só era alcançado pela utilização do método alegórico na interpretação.

Porém, por ser um judeu bastante dedicado à sua religião, Fílon não só nunca abriu mão como tinha em alta conta os escritos mosaicos. Desse modo, justifica-se a sua busca por uma perfeita síntese entre a filosofia grega (sobretudo o platonismo) e o pensamento do profeta judaico Moisés. Essa talvez tenha sido a maior preocupação intelectual de Fílon, cuja solução só foi possível graças à aplicação do método alegórico aos textos sagrados do Antigo Testamento.

### **Os principais representantes da hermenêutica da Escola de Alexandria**

Considerando mais pontualmente o contexto da Escola de Alexandria, passemos a ponderar sobre os seus principais representantes, a saber, Clemente de Alexandria e o seu discípulo Orígenes. Ambos lidam veementemente com a interpretação das Escrituras Sagradas do cristianismo. Eles acreditavam que a Bíblia cristã era, de fato, a palavra de Deus, e apontavam a interpretação alegórica como o único caminho capaz de extrair o seu verdadeiro sentido.

Tito Flávio Clemente (150 – 215 d.C.)<sup>8</sup>, ou mais conhecido como Clemente de Alexandria, foi um nomeado hermeneuta da Patrística. Nascido em 150, pouco antes do ano 180, se tornou cristão e foi educado aos pés do grande mestre Panteno, do qual se tornou discípulo e professor assistente na Escola de Alexandria. Após a morte de seu mestre, Clemente assumiu a direção da Escola, tornou-se padre, e foi um dos primeiros Pais da Igreja a lidar seriamente com a interpretação bíblica.

Desde a sua conversão à fé cristã, Clemente se tornara um grande apologeta do cristianismo. Por isso, dedicou parte da sua vida à elaboração de uma *Gnose Cristã* que fosse capaz de responder às indagações dos hereges, sobretudo nos acirrados debates entre fé e razão. Infelizmente, além de alguns poucos e pequenos

---

8 Maiores informações sobre a vida, obras e pensamentos de Clemente, cf. Abbagnano, 1999, p. 99–100; Gilson; Boehner, 1991, p. 33–47; Reale; Antiseri, 1990, p. 411–412.

fragmentos, temos apenas três de seus escritos: uma apologia contra os gregos, *O Protréptico aos Gregos*; um manual de catequese cristã, *O Pedagogo*; e *Os Strômata ou Tapetes*, no qual tentou expor cientificamente as verdades cristãs.

No período em que Clemente se tornara padre, a Igreja Cristã estava passando por um momento muito conturbado devido aos iminentes ataques causados pela proliferação das seitas Gnósticas. O tipo de *Gnose*<sup>9</sup> defendido por esses grupos, afirmava a necessidade do conhecimento filosófico para se ter uma fé cristã genuína. A essência dos ensinamentos Gnósticos estava na possibilidade da obtenção de um conhecimento perfeito, adquirido através de várias experiências místicas, onde, por meio de uma “iluminação divina direta”, os homens entravam em contato pessoal com Deus e adquiriam a sua salvação. Segundo eles, somente esse processo levaria as almas dos homens à salvação.

A partir disso, eles classificavam os homens em três categorias: os *pneumáticos*, os *psíquicos* e os *hílicos*. Os primeiros, também chamados de espirituais por serem dirigidos pelo espírito (*pneuma*), são os eleitos, os únicos habilitados a possuírem o conhecimento pleno (*gnōsis*), e, portanto, a salvação. Os segundos, que estão no meio dos outros dois, por serem guiados pela alma (*psykhé*), podem ser salvos ou não, bastando apenas seguir o caminho trilhado pelos espirituais. Por fim, os *hílicos* que, por se deixarem levar pela matéria (*hýlē*), o corpo, que é inerentemente má, estão destinados e condenados à morte, à perdição. A partir dessa classificação, os Gnósticos apontavam que a salvação é obtida através do conhecimento.

Por defenderem a superioridade do conhecimento filosófico em relação à abordagem da fé cristã, muitos cristãos criaram ojeriza aos Gnósticos e à filosofia, acusando-os de ter perturbado o ambiente religioso cristão com suas ilações filosóficas. Com isso, as questões sobre a relação entre fé e razão cada dia ia se efervescendo. É nesse ínterim que Clemente alça a sua voz.

Apesar de não descartar o papel da filosofia na prática da religião cristã, Clemente se pronuncia de maneira contrária ao tipo de gnosticismo vigente em sua época. Na tentativa de mostrar que a filosofia era útil e necessária para os cristãos, o grande diretor da Escola de Alexandria percorre o caminho inverso do trilhado

---

9 O termo grego “*gnōsis*” denota, literalmente, conhecimento. Os gnósticos eram grupos de pessoas que surgiram no seio do próprio cristianismo, cujas doutrinas misturavam elementos cristãos, místicos, neoplatônicos, e até postulações das religiões orientais, formando, assim, um complexo corpo doutrinal que, segundo eles, levavam à verdadeira salvação. Infelizmente, não se tem, hoje, senão poucos fragmentos conservados das obras dos Gnósticos. Suas doutrinas e pensamentos só são conhecidos mediante as exposições feitas pelos Pais Apologetas, os quais foram os defensores do cristianismo contra as afirmações heréticas Gnósticas. Sobre esses grupos e as refutações feitas pelos conhecidos Pais Apologetas, cf. Abbagnano, 1999, p. 82-97; Reale; Antiseri, 1990, p. 405-411.

pelos Gnósticos. Para combater a *Gnose* “herética”, ele elabora um conceito próprio de *Gnose* denominada de *Gnose Cristã*, onde destaca a importância do conhecimento filosófico para o Cristianismo. Para os Gnósticos, a filosofia é superior a todas as coisas, e está acima, inclusive, da fé cristã. Contudo, diferente desses, Clemente, quanto à relação entre filosofia e fé, atribui um caráter peculiar à *Gnose Cristã*: a subordinação da filosofia à fé. Para ele, a fé cristã é o critério último da verdade, na qual todas as doutrinas filosóficas deveriam ser avaliadas e julgadas, e não o contrário. Nicola Abbagnano resume bem essa relação entre fé e razão em Clemente quando, parafraseando fragmentos de suas obras, diz:

[p]or certo, os filósofos misturaram o verdadeiro e o falso; trata-se agora de escolher entre as suas doutrinas aquilo que é verdadeiro, abandonando o falso, e a fé fornece o critério desta escolha. A filosofia deve ser nesse sentido serva da fé como Agar de Sara. Nesta subordinação da filosofia à fé reside o caráter da gnose cristã. A gnose dos Gnósticos é a falsa gnose porque estabelece entre a filosofia e a fé a relação inversa: se ao gnóstico fosse dado escolher entre a gnose e a salvação eterna, ele escolheria a gnose porque a julga superior a todas as coisas. (cf. Clemente *apud* Abbagnano, 1999, p. 100)

Esse conceito de *Gnose Cristã* irá permear todo o pensamento teológico de Clemente, inclusive a sua hermenêutica. Como os Gnósticos, apesar de ser em níveis diferentes, Clemente classifica o homem em três categorias: o *pagão*, o *crente* e o *Gnóstico Cristão*. Os *pagãos* são os ímpios, que não aceitam a doutrina cristã, e os hereges que, aceitando, distorcem-na. Os *crentes* são os cristãos que ainda não compreenderam perfeitamente a fé cristã, por não terem capacidade de obter o conhecimento perfeito sobre ela. Já os *Gnósticos Cristãos*, longe de ser aqueles “Gnósticos hereges” tratados anteriormente, são os cristãos perfeitos, cujo entendimento brilha pela compreensão da fé, através do perfeito conhecimento. Assim, nem todos os cristãos são *Gnósticos*, pois esses são cristãos que alcançaram a fé perfeita através do conhecimento. Os que pertenciam ao grupo dos *Gnósticos Cristãos* também eram chamados de espirituais.

É, pois, baseado nessa divisão que Clemente alicerça seu método de interpretação da Bíblia. Para ele, as Escrituras Sagradas possuem cinco sentidos: o *histórico*, o *doutrinal*, o *profético*, o *filosófico* e o *místico ou alegórico*, sendo esse último o mais profundo de todos. No âmbito teológico, o sentido histórico está atrelado ao mero relato das histórias bíblicas; o sentido doutrinal é o responsável pela extração de ensinamentos morais e teológicos; o sentido profético se relaciona com a interpretação dos *tipos* e profecias bíblicos; o sentido filosófico é de onde parte todo o conhecimento real; e o sentido místico ou alegórico é de onde se extrai as verdades morais e espirituais, necessárias ao progresso salvífico e à perfeição

(cf. Zuck, 1994, p. 41).

Os dois últimos sentidos, que são os mais importantes, só podem ser alcançados pelos “perfeitos cristãos”, ou seja, os *Gnósticos Cristãos*, que, por estarem em “contato direto” com Deus através das muitas “iluminações espirituais”, tinham condições de obter o mais profundo sentido dos textos bíblicos. Esses espirituais se destacavam por utilizar o método alegórico em suas interpretações, defendendo ser esse o único caminho para descobrir esse sentido.

É baseado nisso que, para Clemente, aqueles que ficavam restritos à letra do texto não conseguiam êxito em suas interpretações, uma vez que o sentido trazido pelas letras, ou seja, o literal, fornece apenas uma fé elementar, sem nenhuma profundidade espiritual. Somente o sentido alegórico produz uma fé alicerçada num conhecimento real e perfeito, produzindo, assim, um progresso espiritual que desembocaria na salvação. Por isso, como nos diz Louis Berkhof (2000, p. 18), Clemente “propôs o princípio de que *toda* Escritura deve ser entendida de forma alegórica” (destaque nosso).

Esse tipo de entendimento possibilitou Clemente dar um passo à frente dos intérpretes de sua época. É dele, por exemplo, o honroso privilégio de ser o primeiro intérprete cristão a aplicar o método alegórico aos Escritos do Novo Testamento<sup>10</sup>. Segundo ele, as Escrituras Sagradas utilizam uma linguagem simbólica e misteriosa, pela qual Deus, por sua infinita sabedoria, tinha o objetivo de ocultar as verdades da letra dos textos para que nem os incrédulos nem os crentes simples compreendessem as verdades bíblicas que estavam destinadas apenas aos espirituais<sup>11</sup>, ou seja, àqueles que alcançavam o sentido místico, alegórico. É por isso que Clemente aponta o método alegórico, o qual era usado apenas pelos verdadeiros discípulos, isto é, àqueles perfeitos cristãos espirituais, como o único caminho para se alcançar o real e profundo sentido dos textos bíblicos.

Seguindo essa mesma direção, porém com algumas diferenças, está o mais destacado discípulo de Clemente: Orígenes. Nascido em Alexandria, Orígenes (185 – 254 d.C.)<sup>12</sup> foi, sem dúvida, o mais importante e influente intérprete das Escrituras dentre os seus contemporâneos. Oriundo de um lar cristão, desde sua infância teve contato com o ensinamento das Escrituras. Seu pai, Leônidas, que foi preso e executado em defesa da fé cristã entre 201 e 202, fez questão de educá-lo

10 Para um exemplo da aplicação de Clemente do método alegórico a um texto do Novo Testamento, Cf. Lopes, 2004, p. 131–132.

11 Cf. Zuck, 1994, p. 41; Virkler, 1995, p. 44

12 A maioria das informações sobre a vida de Orígenes nos é dada pela *História Eclesiástica* de Eusébio. Contudo, podemos encontrar elementos significativos de sua vida e de seu pensamento em: Berkhof, 1992, p. 65–66; Lopes, 2004, p. 132–134; Zuck, 1994, p. 41–42; Virkler, 1995, p. 44.

na Escola catequética de Alexandria, onde, logo cedo, destacou-se, galgando grande estima por parte de seus professores. Após a morte de seu pai, os bens da família foram confiscados, e Orígenes, com apenas 17 anos de idade, teve que lecionar para sustentar a família.

Nomeado pelo Bispo Demétrio em 203, Orígenes, aos 18 anos, assumiu a direção da Escola de Alexandria – cargo este que exerceu até o ano 230 –, sendo o sucessor imediato de Clemente, que, premido pela perseguição, abandonou, por um tempo, a cidade de Alexandria, e, conseqüentemente, a direção da Escola. Em 205, começou a frequentar a Escola Filosófica de Amônio Sacas – fundador da Escola Neoplatônica naquela cidade –, onde fez um completo estudo do neoplatonismo e do gnosticismo que, à época, eram muito valorizados (cf. Berkhof, 1992, p. 66).

Não temos ao certo o número total de obras escritas por Orígenes. Segundo São Jerônimo, destacado Pai da Igreja, o número chega a 600 escritos, sendo a maioria, comentários exegéticos. Somente uma pequena parte dessas obras foram conservadas, e hoje, restam-nos, apenas, poucas delas em grego. Destacamos, dentre elas: *Hexapla*, *Contra Celso* e *Os princípios*. Este último texto, escrito em 4 livros, é considerado a primeira Suma Teológica das doutrinas cristãs. Nela, o discípulo de Clemente aborda sobre a doutrina de Deus, do universo, da liberdade, e sobre a revelação. É na última parte dessa obra que ele apresenta os seus princípios hermenêuticos para a interpretação das Escrituras Sagradas.

Ao escrever essas obras, Orígenes se declara um grande defensor da fé cristã. Seu contexto de luta é contra os Gnósticos e contra os judeus literalistas que haviam ressurgido em sua época. Sendo, pois, inquietado por esses maldizentes do cristianismo, ele, fortemente influenciado pela Filosofia Grega, acreditava que a melhor maneira de os combater seria entender as Escrituras Sagradas pela interpretação alegórica. Ele cria ser a Bíblia uma vasta alegoria. Cada detalhe dos textos devia ser interpretado simbolicamente<sup>13</sup>, e ressaltava que a Bíblia estava repleta de enigmas e afirmações obscuras, que somente com o sentido mais profundo, trazido pela interpretação alegórica, é que se poderia obter a clareza desses textos. Além disso, para interpretá-la de maneira eficaz, é de fundamental importância o uso da razão filosófica enquanto ferramenta do ato interpretativo. Nesse sentido, podemos dizer que Orígenes segue, à risca, o pensamento de Fílon quanto à interpretação dos Textos Sagrados.

Partindo da ideia existente no dualismo platônico, o ser humano, para Orígenes, possui três dimensões: o corpo (*sōma*), a alma (*psykhé*) e o espírito (*pneuma*). Com

---

13 Para analisar vários exemplos de interpretação simbólica das partes de um texto bíblico, cf. Zuck, 1994, p. 42; Lopes, 2004, p. 133.

isso, o grande sucessor de Clemente acreditava que, para ser eficaz, a mensagem das Escrituras Sagradas teria que atingir cada um desses níveis, e, portanto, deveria ter três sentidos específicos<sup>14</sup>: o *somático*, que é o sentido literal; o *psíquico*, que é o sentido moral; e o *pneumático*, também chamado de alegórico ou místico, que é o sentido real e mais profundo do texto.

O sentido *somático*, que estava relacionado ao corpo, expunha a verdade histórica do texto, trazendo apenas o sentido literal, que era destinado aos iniciantes, a saber, os fracos na fé, aos imaturos. O sentido *psíquico*, relacionado à alma, estava comprometido com o conteúdo moral do texto, o qual servia para alimentar a fé daqueles que tiveram algum progresso espiritual na caminhada cristã. Por fim, o sentido *pneumático* ou alegórico que, relacionado com o *espírito*, trazia o sentido místico, onde estava o conhecimento real, profundo e perfeito, destinado apenas aos maduros na fé.

Já podemos perceber que, em tese, o princípio defendido por Orígenes é o mesmo de Clemente. Baseado num trecho da primeira Carta do apóstolo Paulo aos Coríntios 2.7: “mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério”, Orígenes segue a mesma concepção de Clemente ao argumentar que Deus oculta o verdadeiro sentido dos textos para que somente os espirituais consigam captá-los. Para ele, o sentido literal é próprio dos judeus, a quem Deus ocultou o sentido profundo por causa da incredulidade. Já o sentido alegórico é peculiar aos verdadeiros cristãos, a quem foram reveladas as verdades bíblicas.

Embora tivesse realizado uma excelente sistematização das verdades cristãs, Orígenes, negou, muitas vezes, o caráter histórico das passagens bíblicas, possibilitando vários sentidos para um mesmo texto. Ele desconsiderou de tal maneira o sentido literal dos textos que seu estilo alegórico passou a ser chamado de “fantasia desmedida”. Apesar disso, ele, ainda hoje, é considerado o maior intérprete entre os alexandrinos, influenciando, inclusive, muitos Pais da Igreja como Dionísio, o grande, Eusébio de Cesareia, Dídimo, o cego, Cirilo de Alexandria e, mais tarde, Ambrósio e Agostinho.

### **À guisa de conclusão**

Embora, enquanto disciplina filosófica, a hermenêutica só tenha sido

---

14 É louvável a rica informação que Lopes nos dá ao afirmar que, além do dualismo platônico, o motivo pelo qual Orígenes radicalmente defende os três sentidos das Escrituras está na má tradução e interpretação feita por ele do texto de Provérbios 22.20. O acréscimo da expressão “representas estas coisas de maneira tripla”, feito por Orígenes a esse versículo, possibilitou tal interpretação (cf. Lopes, 2004, p. 132-133).

estabelecida em meados do século XIX, a história do pensamento humano sempre foi marcada por métodos e princípios de interpretação. Na Patrística, isso se evidenciou fortemente no âmbito filosófico e teológico cristão, de tal modo que um centro de estudo cristão, a Escola de Alexandria, foi caracterizado por defender a alegoria como método hermenêutico.

Convém notar que, mesmo estando ligado ao contexto teológico e estritamente bíblico, o método alegórico tem suas raízes históricas sobretudo no pensamento filosófico grego, com o conceito de *hypónoia*, defendido por Heráclito, e no pensamento helênico-judaico, com Fílon, que aplicou a alegoria na interpretação dos textos do Antigo Testamento.

É importante notar também as significativas influências da Escola de Alexandria no processo hermenêutico de interpretação da Bíblia em todo o cristianismo, inclusive até os nossos dias. Durante a Patrística, vários dogmas cristãos foram estabelecidos, e, devido às inúmeras controvérsias existentes, muitos foram os concílios que definiram importantes pontos doutrinários no seio da Igreja Cristã. Daí, muitos desses credos e afirmações doutrinárias ali ratificados foram alicerçados e regidos pelos princípios hermenêuticos da Escola de Alexandria. Além disso, todo o cristianismo depois da Patrística, especialmente no Medievo, onde, basicamente, a maioria das doutrinas cristãs foram definitivamente consolidadas, recebeu, como herança, o rico legado hermenêutico elaborado pelos Pais alexandrinos. E, claro, não somente no medievo, mas, também, ainda hoje, embora essa Escola não mais exista, suas influências hermenêuticas são perceptíveis em todo o processo de interpretação da Escrituras Sagradas Cristãs, sejam elas dentro dos centros cristãos católicos ou mesmo dentro dos círculos cristãos protestantes.

Por fim, convém notar que não é fácil discorrer sobre um tema em determinado período da história. Por serem inúmeras, as dificuldades fogem das nossas descrições. Isso se dá porque, por mais profunda que seja a pesquisa, sempre haverá alguns aspectos intransponíveis de caráter histórico, metodológico, científico, ou mesmo quanto ao conteúdo propriamente dito. Além disso, a própria complexidade intrínseca ao assunto exposto torna-se uma barreira que precisa ser transposta. Mesmo assim, longe de ser algo anacrônico, dispensável e retrógrado, percorrer e labutar em cima do terreno da história da hermenêutica no período Patrístico é justificável pelo fato de que, por mínimo que seja esse esforço, conseguiremos, pelo menos, colher alguns frutos que, com certeza, facilitarão compreender a interpretação das Sagradas Escrituras no seio do cristianismo contemporâneo.

## Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. *História da filosofia*. v. 2, 5. ed. Tradução de Antônio Borges Coelho. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

BERKHOF, L. *A História das Doutrinas Cristãs*. Tradução de João Marques Bentes e Gordon Chown. São Paulo: PES, 1992.

\_\_\_\_\_. *Princípios de Interpretação Bíblica*. Tradução de Mauro Meister. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

BEVILACQUA, L. O Último Trem para Alexandria. Em: *Estud. Av.*, v. 33, n. 95, jan./abr., São Paulo, 2019.

CANFORA, L. *A Biblioteca Desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo* (v. 6 e 7). São Paulo: Candeia, 2000.

DANA, H. E. *O Mundo do Novo Testamento: um estudo do ambiente histórico e cultural do novo testamento*. 4. ed. Tradução de Jabes Tôrres. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

GEISLER, N; NIX, William. *Introdução Bíblica: como a bíblia chegou até nós*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1997.

GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 5. ed. Tradução e notas de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1991.

IRONSIDE, H. A. *Quatrocentos Anos de Silêncio: de Malaquias a Mateus*. Tradução de Joás Castello Branco Gueiros. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.

LÉVÊQUE, P. *Impérios e Barbáries: do século III a.C. ao século I d.C.* Tradução de Artur Morão. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.

LOPES, A. N. *A Bíblia e seus Intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

NADDAF, G. La Alegoría: orígenes y desarrollo de la filosofía desde los presocráticos hasta la Ilustración. *Areté Revista de Filosofía*, v. XIX, n. 1, p. 41–86, Lima, 2007.

OLIVEIRA, L. A Interpretação Alegórica de Mitos: das origens a Platão. *Mirabilia*, v. 24, n. 1, jan./jun., p. 1-22, 2017.

PACKER, J. I.; TENNEY, M. C.; WHITE JÚNIOR, William. *O Mundo do Novo Testamento*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Editora Vida, 1988.

REALE, G.; ANTISERE, D. *História da Filosofia: antiguidade e idade média*. v. 1. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Filosofia)

TATE, J. The Beginnings of Greek Allegory. *The Classical Review*. v. XLI, n. 6, p. 214–215 1927.

VIRKLER, H. A. *Hermenêutica: princípios e processos de interpretação bíblica*. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Flórida: Editora Vida, 1995.

ZUCK, R. B. *A Interpretação Bíblica: meios de descobrir a verdade bíblica*. Tradução de Cesar de F. A. Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994.